

EXISTENCIALISMO E A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL: ANÁLISE DO ROMANCE *A MULHER DESILUDIDA* DE SIMONE DE BEAUVOIR

Alexsandro Melo Medeiros; Luana Pantoja Medeiros

Universidade Federal do Amazonas, Bolsista e Pesquisador FAPEAM, philos_aletheia@hotmail.com;

Universidade do Estado do Amazonas, Bolsista de Iniciação Científica FAPEAM, luana.pantoja.am@hotmail.com

Resumo:

Simone de Beauvoir é uma filósofa existencialista consagrada na literatura feminista. Nesta comunicação tencionamos demonstrar como a autora revela traços da filosofia existencialista, caracterizado pela angústia das personagens vividas nos três contos que compõem o romance *A Mulher Desiludida*, bem como o papel feminino a partir da relação – característica da filosofia existencialista – entre determinismo *versus* liberdade – o pré-estabelecido *versus* escolhas próprias. Cada uma das personagens de *A Mulher Desiludida* expressa, a seu modo, seu descontentamento com a vida, o que as faz infelizes e por isso questionam sua situação. O estado de espírito dominante em cada uma é o descontentamento, a angústia existencial, a perda da identidade de si mesma. Neste artigo, que utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, vamos nos deter principalmente nos dois últimos contos: 1) um monólogo angustiado escrito em primeira pessoa onde Murielle, depois de dois casamentos fracassados e do suicídio da filha, ruma em solidão o seu ódio pelo mundo e por um Deus que talvez não exista (outra marca do existencialismo ateu); todas as suas referências femininas foram destroçadas: é divorciada, vive conturbada relação com a mãe e perdeu a filha para o suicídio; o papel da mulher dado socialmente por uma sociedade patriarcal de mãe, esposa e filha são exatamente aqueles que Murielle perdeu e que a faz mergulhar em uma profunda solidão existencial; 2) já no terceiro conto temos uma típica dona de casa, Monique, cujo marido – o centro de sua vida –, tem um relacionamento extraconjugal. A traição serve como alavanca para suas inflexões sobre o mundo e perda do contorno de si mesma. Representando seu papel de esposa e dona de casa o seu casamento é o que lhe sustenta física, psicológica e sobre o qual ela funda sua identidade. O que explica porque a infidelidade de Maurice teve impactos tão profundos na vida de Monique. Sem Maurice, o que resta à Monique é um profundo sentimento de solidão, porque ela consagrou toda sua vida a seu amor. Quando Maurice anuncia que há uma outra mulher em sua vida tudo desaba para Monique, ela se sente vazia, perdida e experimenta a angústia da existência humana. Vemos assim como Simone de Beauvoir, embora seja mais conhecida por ter estudado a relação entre a mulher e a sociedade em sua obra *O Segundo Sexo*, também utiliza suas obras literárias para apresentar uma série de perspectivas teóricas para responder à questão “que é uma mulher” da qual a mais importante perspectiva é a filosofia existencialista. Se *O Segundo Sexo* representa a parte filosófica do pensamento de Simone onde ela introduz uma nuance importante na análise sartreana da liberdade e do papel do contexto social que conduz a papéis sociais distintos para o homem e para a mulher, suas obras literárias complementam a argumentação filosófica, usando o artifício da criação ficcional que serve de crítica a uma sociedade eminentemente patriarcal onde o papel da mulher é obedecer ao homem e viver à sua sombra.

Palavras-chave: Literatura Existencialista, Feminismo, Liberdade, Angústia.

Introdução

Simone de Beauvoir é uma filósofa existencialista consagrada na literatura feminista. “Escritora, filósofa, mulher na vanguarda de muitas idéias (sic) e de várias atitudes: é realmente difícil definir ou delimitar a importância de Simone de Beauvoir para nós, mulheres e homens” (ALMEIDA, 1999, p. 145). Simone de Beauvoir é uma escritora que tem como características levar seus leitores a refletir sobre a existência de modo intencional. Como afirma Viana (2009, p. 2):

Simone de Beauvoir não escreve sem a intenção de induzir suas personagens a questionamentos filosóficos que busquem legitimar sua condição de sujeito livre. Como exemplo claro desta característica assinala-se seu romance intitulado *A Convidada*, em que a questão da liberdade do sujeito é colocada como foco central das discussões.

Suas narrativas são marcadas pela reflexão em torno da existência a partir da qual é necessário refletir sobre conceitos como liberdade, responsabilidade, angústia, utilizando situações do cotidiano. É o que podemos notar na obra *A Mulher Desiludida*, que revela traços de sua filosofia existencialista, caracterizado pela angústia das personagens vividas nos três contos que compõem o romance. Cada uma das personagens de *A Mulher Desiludida* expressa, a seu modo, seu descontentamento com a vida, o que as faz infeliz e por isso questionam sua situação. O estado de espírito dominante em cada uma é o descontentamento, a angústia existencial e em alguns casos a perda da identidade de si mesma.

É em torno dos dois últimos contos de *A Mulher Desiludida* que este artigo, que utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, se concentra: 1) um monólogo angustiado escrito em primeira pessoa onde Murielle, depois de dois casamentos fracassados e do suicídio da filha, ruma em solidão o seu ódio pelo mundo e por um Deus que talvez não exista (outra marca do existencialismo ateu); 2) e o terceiro conto onde temos uma típica dona de casa, Monique, cujo marido – o centro de sua vida –, tem um relacionamento extraconjugal e cuja traição serve como alavanca para suas inflexões sobre o mundo e perda do contorno de si mesma, sentindo-se vazia, perdida e experimentando a angústia da existência humana.

Neste artigo tentamos demonstrar como a autora revela traços da filosofia existencialista, caracterizado pela angústia das personagens vividas nos contos que compõem o romance *A Mulher Desiludida*, contribuindo para aprofundar o debate em torno dos estudos de gênero na atualidade. Através da literatura Simone de Beauvoir nos possibilita uma série de perspectivas teóricas para responder à questão “que é uma mulher” da qual a mais importante perspectiva é a filosofia

existencialista. As obras literárias de Simone de Beauvoir complementam sua argumentação filosófica – presente em *O Segundo Sexo* –, usando o artifício da criação ficcional que serve de crítica a uma sociedade eminentemente patriarcal onde o papel da mulher é obedecer ao homem e viver à sua sombra.

O monólogo de Murielle

O segundo conto da obra é o texto mais agressivo dos três e também o mais curto. Se fosse possível estabelecer uma *hierarquia dramática* entre os três contos, com certeza *O Monólogo* estaria no topo dessa hierarquia. O tom é áspero, as palavras são fortes. Escrito na primeira pessoa, sem vírgulas, sem preocupação com a pontuação, o objetivo é demonstrar o fluxo de pensamentos de Murielle que deixa transparecer todo seu ódio e raiva descarregada sem nenhuma restrição por uma mulher abandonada por seu marido, sua família, mergulhada na mais extrema solidão em uma noite de reveillon.

Murielle se encontra em posição confusa: todas as suas referências femininas foram destroçadas. É divorciada, vive conturbada relação com a mãe, perdeu a filha para o suicídio e acusa constantemente todos de conspiração. Os papéis de mulher são exatamente aqueles que Murielle perdeu: mãe, esposa e filha. Sua angústia com o abandono do marido é revelada em sua fala: “Preciso de um homem quero que Tristan volte porcaria de mundo gritam se riem e aqui estou consumindo-me de tristeza; quarenta e três anos é muito cedo é injusto, quero viver” (BEAUVOIR, 2007, p. 52 – tradução nossa)¹. Murielle se sente sufocada: “[...] Estou farta, estou farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta, farta [...]” (BEAUVOIR, 2007, p. 53 – tradução nossa).

Murielle “pensa que sem um homem ela não tem nenhum valor aos olhos da sociedade e ela chora” (MICHEL, 2013, p. 74 – tradução nossa). Para ser respeitada na sociedade ela acredita que precisa ter um lar, um marido e filhos “como todo mundo”. O seu lugar no mundo depende destes fatores. “Murielle é aquela que Simone de Beauvoir coloca em uma terrível solidão, sem família e sem dinheiro. Ela procura o amor, ela quer que seu marido volte. Murielle infeliz comunica sua desgraça através de um monólogo agressivo” (MICHEL, 2013, p. 74 – tradução nossa).

¹ Como dissemos, a escrita não obedece uma ordem rigorosa de pontuação. O objetivo é demonstrar o fluxo de pensamento de Murielle. Quando estamos sobre uma forte tensão emocional, os pensamentos fluem de forma ininterrupta, se sucedem uns aos outros até mesmo de forma desconexa.

A sua situação é ainda mais angustiante porque ela depende do marido. O casamento a tornou financeiramente dependente do marido. Sua solidão a faz pensar inclusive na morte.

O vento! Logo se pôs a soprar como um tornado como eu desejo um grande cataclismo que varresse tudo e a mim também um tufão um ciclone morreria descansaria se não permaceneria ninguém para pensar em mim [...] Fechada entre quatro paredes eu vou acabar morrendo de tédio realmente morrer” (BEAUVOIR, 2007, p. 55-58).

Mas ela renuncia a ideia de suicídio. Sua filha já havia se suicidado.

Em nenhum momento Murielle pensa que sua felicidade possa estar na sua independência. A referência que ela tem de felicidade são aquelas que a sociedade patriarcal impôs a ela. Ela vive em uma sociedade que dá todos os direitos aos homens e, por mais que a mulher seja um ser livre, ela se encontra frequentemente sob a autoridade do homem. Na sociedade patriarcal a qual vive Murielle, o casamento é mais importante para o status de uma mulher: ela deve se tornar uma dona de casa tradicional. Sua vida depende de Tristan: “Quero viver quero reviver. Tristan voltará para mim me farão justiça sairei de toda essa merda. Se lhe falar agora me sentirei melhor talvez eu poderia dormir” (BEAUVOIR, 2007, p. 54).

Desde *O Segundo Sexo* que Beauvoir (2002) ressalta como as mulheres, em uma sociedade patriarcal, o seu principal e mais importante papel é ser mãe e esposa. O marido deve proteger sua esposa que deve obediência ao seu marido. A mãe é a guardiã do lar e não pode se realizar senão na maternidade, único destino socialmente possível para ela. E que é preciso estudar e analisar com cuidado o destino tradicional da mulher.

O drama do “triângulo amoroso” de Monique

O terceiro conto nos relata as inquietações e angústias de Monique. É através do seu diário que ficamos sabendo de seus dilemas, suas angústias, sua infelicidade. De início são relatados fatos comuns do seu dia a dia: seus passeios, sua preocupação com a filha no momento em que esteve doente, os momentos com sua amiga Isabelle, seus relatos sobre as viagens de Maurice, o encontro de Monique com uma moça que precisava de ajuda, Marguerite, cujos pais haviam renunciado aos direitos dela e que havia fugido do lugar onde estava por ordem da Assistência Pública e todo seu esforço para ajudar-lhe no que fosse possível inclusive deixando que ela permanecesse na sua casa por dois dias.

Jurei-lhe que moveria céus e terra para que a transferissem para um Lar, e a moça se convenceu que deveria voltar para o Centro [da Assistência Pública] [...] É uma bela jovem, nada boba, muito gentil e que só pede trabalho: massacram-lhe a mocidade e a mais milhares de outras. Telefonarei amanhã ao juiz Barron (BEAUVOIR, 1968, p. 45-46).

Até que Monique começa a narrar suas inquietações com o casamento. Maurice não era mais o mesmo, sempre concentrado em seu trabalho e suas pesquisas médicas. “Deixou-se devorar pela profissão [...] Está se tornando parecido com seus colegas que não passam de máquinas de fazer carreira ou ganhar dinheiro” (BEAUVOIR, 1968, p. 47). Os passeios começaram a diminuir até não existir mais, seja em Paris ou nos arredores. As conversas também diminuíram. Até que, finalmente, depois de voltar de uma dessas viagens de trabalho e chegar de madrugada em casa, Maurice tem uma conversa com Monique e lhe dá a notícia que irá abalar sua vida: Maurice tinha outra mulher.

A notícia de Maurice é avassaladora para Monique pois para ela, Maurice não era apenas seu marido, mas seu melhor amigo, que lhe sustenta financeira e psicologicamente: ela fundou sua identidade sobre o amor de Maurice. Diante dessa notícia, Monique registra em seu diário: “Subitamente, tive vontade de chorar [...] Atirei-me para trás. O golpe me estarrecia. O estupor esvaziava-me a cabeça. ‘Vamos dormir’, eu disse. Precisava de um prazo para compreender o que me acontecia” (BEAUVOIR, 1968, p. 49).

No dia seguinte Monique levantou cedo, antes mesmo do seu marido e deixou apenas um bilhete em seu travesseiro que dizia “até a noite”.

Caminhei ao acaso, nas ruas, obcecada por estas palavras: “Ele me enganou!” Visualizava imagens: o olhar, o sorriso de Maurice para Noellie. Afastava-as. Ele não a olha como a mim. Eu não queria sofrer, eu não sofreria mas o rancor me sufocava: “Ele me enganou!” — Dizia: “Morrerei de tristeza” (BEAUVOIR, 1968, p. 50).

Quando Maurice confessa que ama uma outra mulher o mundo de Monique desmorona. “A partir deste momento nós assistimos a uma degradação constante do estado de alma de Monique” (MICHEL, 2013, p. 77 – tradução nossa). A infidelidade de Maurice teve impactos profundos na vida de Monique devido a sua dependência emocional. Quando Maurice anuncia que há uma outra mulher em sua vida, tudo desaba para Monique, ela se sente vazia, perdida e experimenta a angústia da existência humana.

Monique via seu casamento como um modelo e agora ela estava ali, com 44 anos, sem um trabalho, tendo que dividir seu marido com a amante depois de ter-lhe devotado toda a existência, e sem suas filhas. E não foi por falta de oportunidade, pois como lembra Maurice em uma de suas

conversas com Monique, ela poderia ter aceito um cargo no secretariado da *Revue médicale* e, de acordo com Monique: “Não via o interesse de passar o dia longe de casa e das crianças por cem mil francos por mês” (BEAUVOIR, 1968, p. 87). Apesar de Maurice ter-lhe aconselhado a conseguir um emprego ela recusou porque ela queria se dedicar a vida no lar com ele e suas filhas.

E os meses vão passando nessa situação. Para Maurice era perfeitamente possível viver essa espécie de “triângulo amoroso”. E um dia Maurice surpreende Monique dizendo que pretendia dedicar mais tempo a Noellie – sua amante – e pernoitar em sua casa. Essa situação chateia Monique, mas ela terminou cedendo, adotando uma “atitude conciliadora”. Em sua cabeça ela não podia fazer frente a essa situação, pois ainda acreditava que não passava de uma atração de momento, algo meramente carnal. “Se estrago sua aventura, ele a embelezará a distância, terá saudades. Se eu lhe permito vivê-la, como quer, até o fim, ‘corretamente’, sei que se cansará depressa” (BEAUVOIR, 1968, p. 53).

Para Michel (2013, p. 78 – tradução nossa) há inclusive um sentido de má-fé por parte de Monique, pois ela tenta se agarrar a uma ideia apenas pelo fato de não conseguir viver sem Maurice e procura uma justificativa para o que tinha acontecido. “Acreditando raciocinar ela dizia para si que o homem que não a ama mais não contou toda a verdade, porque ele não quer magoá-la, ‘Ele mente para me poupar. Se ele me poupa é porque ele se preocupa comigo. Em certo sentido, seria pior se ele não se importasse’”.

Quanto mais a situação se desenrola mais Monique se deixa abalar e começa até a imaginar como seria Maurice estando com Noellie. Esses pensamentos faziam-na chorar e olhando para as roupas de Maurice pensava: “Não suporto que uma outra possa acariciar sua face na doçura desta seda, na ternura deste pulôver” (BEAUVOIR, 1968, p. 54-55).

A situação se repete quando Maurice passa um final de semana inteiro com Noellie. Monique tentou de todas as formas não pensar no que faziam. Assistia filmes, ouvia jazz, tricotava. Mas essa situação não a deixava em paz. “Abandonei meu tricô porque ele não me protegia. O que eles fazem, o que se dizem, onde estão, como se olham? Acreditei que me poderia preservar dos ciúmes, mas não. Fiz buscas em seus papéis, sem nada encontrar” (BEAUVOIR, 1968, p. 59). E nem mesmo nos sonhos Monique estava livre dessa aflição. “Não adianta tomar soníferos, eu sonho. Frequentemente, nos sonhos, eu desmaio de tristeza. Fico lá, sob os olhos de Maurice, paralisada, tendo sobre o meu rosto toda a dor do mundo. Espero que ele se precipite para mim. Atira-me um olhar indiferente e se afasta” (BEAUVOIR, 1968, p. 81). A frustração é tanta que chega até a pensar

que seria melhor se Maurice estivesse morto, a ruptura seria mais suportável, pois saberia ao menos que o tinha perdido para um mal irreparável.

Monique está em um estado lastimável. Não tem se quer desejo de levantar pela manhã e poderia ficar na cama todos os dias, como faz aos domingos. “Não sei mais nada. Minha vida, atrás de mim, está toda destruída, como nesses terremotos em que a terra se devora a si própria: ela se esboroa, às nossas costas, à medida em que fugimos. Não há mais retorno” (BEAUVOIR, 1968, p. 81).

E ao se comparar com Noellie a frustração só aumenta. Noellie é o oposto de Monique e representa a “mulher moderna” para sua época. Uma época em que as condições das mulheres começam a mudar a sociedade começa a aceitar que a mulher possa trabalhar e ser independente como é o caso de Noellie, divorciada e mãe de uma menina. “Noellie é uma advogada brilhante e trabalhada pela ambição: é mulher sozinha [...] Maurice teve vontade de saber se agradaria a esse gênero de mulher [...] É também uma questão de pele: ela é apetitosa” (BEAUVOIR, 1968, p. 51). Refletindo sobre a situação Monique pensa que nos braços de Noellie, Maurice deve se sentir jovem, rejuvenescido, já que nem Maurice ou Monique não tinham mais 30 anos. Noellie era uma novidade.

A situação se agrava quando Maurice e Monique não tem mais intimidade. Não se beijavam mais. Quando em uma noite Maurice repele Monique alegando cansaço e fadiga. Monique reflete sobre seu corpo. Apesar de ainda ser cobiçada na rua, havia engordado e seus seios não eram mais o mesmo desde o nascimento de Lucienne, sua filha. Sentia-se uma miserável.

A situação se desenrola por anos: “Cada vez me parece haver tocado o fundo. Em seguida, eu me afundo mais ainda na dúvida e na desgraça” (BEAUVOIR, 1968, p. 69). Até que finalmente Monique se dá conta de que não passa de uma simples aventura. Maurice está dividindo sua vida entre Monique e Noellie e até mesmo nas férias pretende passar metade do tempo com uma e metade do tempo com a outra.

Monique que já não tinha em casa suas duas filhas – Collete e Lucienne –, agora se sentia ainda mais só, pois tinha que dividir o marido com outra mulher. Collete já estava casada e Lucienne partiu para morar na América. Nem suas filhas e nem seu marido estavam mais ao seu lado. Monique consagrou sua vida ao seu marido e suas filhas, como determina a sociedade. Se habituou ao papel de uma mãe e esposa tradicional e agora é difícil suportar tais mudanças. Monique pensa se falhou na educação de suas filhas e se isso teria afetado seu relacionamento com

Maurice. “Se falhei na educação de minhas filhas, toda a minha vida não passa de um fracasso. Não posso crer. Mas que vertigem, quando a dúvida me toca!” (BEAUVOIR, 1968, p. 92).

“as coisas vão piorar quando o marido propõe a separação, é então que ela se joga em desespero como Paula em *Os Mandarins* e Murielle como no capítulo de monólogo. A solidão pesa e ela tem medo” (MICHEL, 2013, p. 80 – tradução nossa). Monique se angustia por sua vida ter se tornado desta forma e se pergunta se não foi isso que ela escolheu:

Escolhi encerrar-me em meu túmulo. Não vejo nem o dia nem a noite. Quando a coisa vai mal demais, quando se torna intolerável, engulo álcool, tranquilizantes ou soníferos. Quando melhora um pouco, tomo excitantes e me atiro a um romance policial. Fiz uma provisão deles. Quando o silêncio me sufoca, ligo o rádio e chega de um planeta longínquo uma voz que apenas compreendo: esse mundo tem seu tempo, suas horas, suas leis, sua linguagem, e cuidados, e divertimentos que me são radicalmente estranhos (BEAUVOIR, 1968, p. 96).

E se dá conta que seu drama é bem maior do que aquilo que conseguiu escrever em seu diário, relendo-o: “as palavras não diziam nada. As raivas, os pesadelos, o horror escapam à palavra. Deito coisas sobre o papel, quando retomo forças, no desespero ou na esperança. Mas a derrota, a degradação, a decomposição não estão marcadas nestas páginas” (BEAUVOIR, 1968, p. 96).

Monique está inconsolável, agressiva, em estado quase depressivo, tanto que é aconselhada por uma conhecida, Marie Lambert – e depois pelo próprio Maurice –, a procurar um psiquiatra. Chora diante de sua filha. Outra conhecida, Diana, observa: “— Oh! Como você emagreceu! Como tem o ar cansado! [...]” (BEAUVOIR, 1968, p. 102). Monique perdeu o gosto de viver. Estava vivendo um pesadelo. E é só com a ajuda de um psiquiatra que Monique pensa em tentar reencontrar-se.

Por recomendação do psiquiatra Monique começa a trabalhar na *Nationale*, na sala de jornais. “Eis que chegamos a isto! Enviaram-me ao psiquiatra, fizeram-me ganhar forças antes de me assentarem o golpe definitivo. É como aqueles médicos nazistas que reanimavam as vítimas para que recomeçassem a torturá-las. Gritei-lhe: nazista! Carrasco!” (BEAUVOIR, 1968, p. 106). Maurice havia decidido que iria morar sozinho.

Monique resolve passar alguns dias em Nova York com a filha Lucienne. Mas completamente desolada: “Eu estava empanturrada de tranquilizantes. Lucienne me receberia à chegada: uma bagagem que se transporta, uma enferma, uma débil mental” (BEAUVOIR, 1968, p. 108). Mas Monique não desiste de encontrar respostas e agora Lucienne é interrogada por ela. Queira saber onde havia errado, porque Maurice havia deixado de amá-la. Ao que Lucienne responde que o

desgaste no casamento é natural e que Monique havia errado por ter acreditado “que as histórias de amor duravam” (BEAUVOIR, 1968, p. 108). E que os homens a uma certa altura da idade “têm vontade de começar uma vida nova” (BEAUVOIR, 1968, p. 109). E ao regressar para sua casa, agora sozinha, a cena final é desoladora:

Sentei-me diante da mesa. Estou sentada. E olho essas duas portas: o escritório de Maurice, nosso quarto. Fechadas. Uma porta fechada, qualquer coisa que espreita, atrás. Ela não se abrirá se eu não me mexer. Não mexer. Jamais. Parar o tempo e a vida. Mas eu sei que mexerei. A porta se abrirá lentamente e eu verei o que tem detrás. É o futuro. A porta do futuro vai se abrir. Lentamente. Implacavelmente. Estou no limiar. Só existe esta porta e o que espreita atrás dela. Tenho medo. E não posso chamar ninguém por socorro. Tenho medo (BEAUVOIR, 1968, p. 112).

A condição da mulher na sociedade patriarcal

Em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo se compreende que Monique e Murielle tenham escolhido se casar e que deveriam cuidar de seus maridos. Mas o que elas não se deram conta é que este fato as levou a esquecerem de si mesmas e viver em função do Outro colocando sempre o marido antes delas mesmas. Monique e Murielle se casaram e se tornaram uma esposa tradicional porque, segundo a sociedade patriarcal, este é o destino reservado às mulheres. A sociedade até dá as mulheres a condição de estudar ou a possibilidade de trabalhar, mas a educação não é considerada como o mais importante na vida de uma mulher. Monique é um estereótipo disto quando deixa de estudar após o casamento e exercer uma profissão é difícil à medida em que pode obrigar a negligenciar o cuidado com os filhos e o marido.

No patriarcalismo, a sociedade defende não apenas o direito de que o homem possa ser infiel e a mulher deve compreender que isso possa acontecer, como revela um diálogo de Monique com sua amiga Isabelle, que achava natural Maurice ter tido uma aventura, até mesmo porque, como afirma Monique no seu diário, a relação de Isabelle com seu marido Charles era de liberdade e não de fidelidade, como Monique e Maurice. Nas palavras de Isabelle: “Certamente, ele se cansará bem cedo. O que dá sabor a esse gênero de coisas é a novidade. O tempo trabalha contra Noellie [...] ‘Seja compreensiva e alegre, sobretudo seja amiga’ — disse. Foi assim que, finalmente, ela reconquistou Charles” (BEAUVOIR, 1968, p. 50). E diante das palavras da amiga, é Monique quem reflete que é “normal que um homem tenha uma aventura após vinte e dois anos de casado. Se não o admitisse, eu é que seria anormal — infantil, em suma” (BEAUVOIR, 1968, p. 51).

O fato é que tanto Monique quanto Murielle não estão adaptadas ao fato de que a mulher é livre e deve escolher como viver sua vida – tal como define a filosofia existencialista. Habitadas a uma vida calma e tranquila em seus papéis de esposa e mãe tradicional essas questões jamais lhes vieram à mente. E vivem suas vidas em função de seus maridos, tanto mais quanto a separação se torna algo insuportável para ambas.

Como explica Beauvoir sobre a desilusão destas mulheres. “Muitas vezes, nos primeiros anos a mulher se enche de ilusões, ela tenta assistir seu marido incondicionalmente, a amá-lo sem reservas, a sentir-se indispensável a ele e aos seus filhos. E depois seus verdadeiros sentimentos são revelados. Ela percebe que seu marido poderia viver sem ela. Que seus filhos são feitos para se separarem dela. Eles são quase sempre mais ou menos ingratos. O lar não os protege mais contra a sua liberdade. Ela encontra-se solitária, abandonada” (MICHEL, 2013, p. 81).

É assim que a vida se passa para as mulheres de *La femme rompue* – A mulher desiludida.

Considerações Finais

A obra de Simone de Beauvoir em análise revela o sofrimento das mulheres que vivem em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, que relega a mulher o papel de esposa, mãe e dona de casa. E quando a mulher descobre sua liberdade ela não tem mais nenhuma perspectiva diante de si. Ela está presa ao projeto que ela criou para si, ou melhor, que a sociedade definiu para ela desde o seu nascimento. Quando ela se dá conta de sua situação ela se percebe sozinha, depois de ter dedicado sua existência ao marido e aos filhos. Ela percebe que ninguém precisa dela. E experimenta a angústia da existência humana. E no caso de Murielle uma angústia que beira até ao desespero e o desejo de morte. A obra de Simone leva o leitor(a) a essa reflexão existencial e, sobretudo, a condição existencial das mulheres dentro de uma sociedade eminentemente *falocêntrica*, ou seja, a dominação ideológica da sociedade patriarcal que toma o *falo* como ponto de referência e pensa a mulher sempre em relação ao homem, relação que é de submissão e subordinação

As mulheres de *La femme rompue* têm algo em comum: elas não sabem o que fazer de sua própria liberdade e, por isso, terminam por não fazer nada e continuam dependentes emocionalmente de sua situação. Murielle quer a todo custo que seu marido volte para ela e Monique tem medo de um futuro sozinha.

Vemos assim como esta obra de Simone vem complementar suas reflexões sobre a relação entre a mulher e a sociedade presente em suas análises que a tornaram um ícone dentro dos estudos de gênero. Suas obras literárias abrem o caminho para pensar uma série de abordagens teóricas para responder à questão “que é uma mulher” da qual a mais importante perspectiva é a filosofia existencialista. Suas obras literárias complementam a argumentação filosófica, usando o artifício da criação ficcional que serve de crítica a uma sociedade eminentemente patriarcal onde o papel da mulher é obedecer ao homem e viver à sua sombra.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Marlise M. de M. Simone de Beauvoir: uma luz no nosso caminho. **Cadernos pagu**, (12), pp.145-156, 1999. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634811>>. Acesso em 30/11/2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Mulher Desiludida**. Tradução de Helena Silveira. São Paulo: DIFEL – Difusão Européia do Livro, 1968.
- _____. **La mujer rota**. Traducción de Dolores Sierra y Neus Sánchez. Barcelona: Edhasa, 2007. (Colección Diamante).
- _____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. v. 1.
- MICHEL, Bryndis Bianca. **Les trois âges de la femme dans l'œuvre de Simone de Beauvoir**. Dissertação (Mestrado em Estudos Franceses). Universidade da Islândia, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1946/14839>>. Acesso em 21/03/2017.
- VIANA, Márcia R. A Literatura e a Filosofia de Simone de Beauvoir. **História, imagens e narrativas**, n. 8, p. 1-6, abr. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265539802_A_Literatura_e_a_filosofia_de_Simone_de_Beauvoir>. Acesso em 21/03/2017.